

A COLCHA EM RETALHOS: A (s) ÁFRICA (s) E SUA (s) REPRESENTAÇÃO (ões) NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA

JUSSARA OLIVEIRA DE SOUZA

*

Pode-se entender a educação como um processo fundamental para a transmissão do conhecimento acumulado pela humanidade, mas também enquanto elemento de vital importância para a construção de formas de ver a vida, o mundo, o meio, dentre outras questões. É a partir das relações no âmbito da escola que homens e mulheres constroem e representam pontos de vista e lógicas diversas. A escola também constrói identidades e é a principal responsável pela cidadania. Contrariando o dito popular, não se deve ir para a escola para ser alguém, mas é por ser alguém que se deve ir para a escola. E esta questão é suficiente para que entendamos algumas questões relacionadas com os movimentos sociais e suas demandas para a inclusão de temáticas específicas nas matrizes curriculares de ensino.

Os movimentos feministas, bem como aqueles que militam em torno das bandeiras LGBT possuem projetos de lei tramitando no Congresso Nacional. Estes projetos versam sobre a obrigatoriedade do ensino de questões de gênero e de orientação sexual nas escolas de nível fundamental, médio e superior. Ora, se nas escolas houver a intenção e a construção do entendimento e da tolerância, com a significativa aceitação do outro, é evidente que as temáticas específicas destes movimentos se tornarão mais fáceis de serem aceitas. Em outras palavras, a luta pela inclusão nas matrizes curriculares de ensino pode ser entendida também como parte do processo de reconhecimento e construção de espaços e conquistas para os movimentos sociais de modo geral.

* Graduada em História pela UNOPAR - Universidade Norte do Paraná e Comunicação Social – Rádio/ TV pela UNEB - Universidade do Estado da Bahia Campus XIV e estudante do 1º semestre da especialização em Estudos Africanos e Representações pela UNEB Campus II. E-mail: Souza-jussara@hotmail.com

Nesse sentido, compreende-se então, as razões dos movimentos sociais negros, bem como dos povos indígenas em se fazerem incluídos sob a forma de leis dos seus conteúdos específicos. Foram estes movimentos sociais que pressionaram pela aprovação de duas leis de grande importância, responsáveis pela modificação da Lei de Diretrizes de Base. Esta questão refere-se às leis 10639 e 11645, que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena.²

Pergunta-se então, qual a relação entre estas breves linhas e a questão proposta como título deste projeto de pesquisa. Há liames entre as duas leis, os movimentos sociais, a África e os livros didáticos? A resposta poderá ser positiva, na medida em que o estudo da história do continente africano só se tornou parte dos conteúdos dos livros didáticos após a promulgação da lei 10639. Por mais que seja lamentável o fato de que determinados temas estejam inseridos na escola por força de uma lei, foi ela que garantiu e possibilitou que conteúdos alusivos ao continente africano fossem inseridos nas matrizes curriculares, e desta forma, se tornassem objeto nos livros didáticos.

Assim sendo, este artigo tem sua importância diretamente associada com outra questão condizente com o seu título: como e de que maneira o continente africano vem sendo representado nos livros didáticos? Eis uma questão que exigiria árduo estudo de diferentes coleções produzidas e distribuídas em todo o território nacional, e evidente que o tempo não seria suficiente para tamanha tarefa.

Mas, ainda resta a questão: como o continente africano vem sendo representado nestas coleções, e como dispor de condições para o exercício desta pesquisa? Ora, tomando como referência o fato óbvio de que este trabalho não será o único a enveredar por esta trilha, uma vez que pesquisas semelhantes vêm sendo desenvolvidas pelo Brasil afora, limitaremos a uma dada espacialidade, localizada no interior do estado da Bahia, mais precisamente o município de Santaluz, distante 530 km da capital baiana.³

² LIMA, Ivaldo Marciano de França. Por uma história a partir dos conceitos: África, cultura negra e lei 10639/2003. Reflexões para desconstruir certezas. **A Cor das Letras**, n. 12, 2011, p. 125 – 152;

³ OLIVA, Anderson de Oliveira. Tese de Doutorado. **Lições sobre a África: Diálogos entre as representações Ocidental e o ensino da história da África no mundo atlântico**, Programa de Pós-Graduação em História. UNB, 2007; OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 25, n. 3, 2003, p. 421 – 461; CAMPOS, Paulo F. S. O Ensino, a História e a Lei 10.639. In: História e Ensino. Londrina: Editora UEL, 2004. Vol. 10. Sobre a lei 10639 em Alagoinhas, ver: ARAUJO, Edson Silva de. **Entre o macro e o micro: a lei 10.639/2003 entre o**

Porém, uma pergunta importante deve ser considerada: qual a relevância de se encetar questões sobre as representações do continente africano nos livros didáticos em uma pequena cidade do interior baiano? Bem, antes de tudo, é importante observar o fato de que para a Bahia recaem diferentes representações, muitas das quais construídas pelos movimentos sociais negros, colocando-a no lugar da maior concentração de negros e negras fora da África. Além disso, em pelo menos dois documentários que tematizam as relações entre a África e o Brasil, a Bahia aparece como cenário privilegiado, sobretudo Salvador. Em outras palavras, tem-se a Bahia como um pedaço da África no Brasil, e este estado é primordial na tessitura das representações que a fazem um monumento dos descendentes dos africanos no “novo mundo”.⁴

Porém, é verídica a ideia de que a Bahia possui majoritariamente uma população negra? Pode-se afirmar com naturalidade que no Brasil o sistema de relações raciais se baseia na bipolaridade subjacente em negros e brancos?⁵ E, sendo estas questões verdadeiras, estes baianos se reivindicam negros e descendentes do continente africano? Para além das considerações feitas por Tomaz Tadeu e Stuart Hall, que entabularam diferentes questões em torno da identidade, e de como esta se constitui em um constructo móvel, múltiplo e operado no plano da cultura, logo, fora dos limites da biologia e da genética, sabe-se que grande parte dos discursos e representações construídas sobre a Bahia a colocam no lugar da dita “afro descendência”. Mas, como se veem os baianos acerca desta questão? E, como estes veem e compreendem a África? E, como os baianos residentes em cidades localizadas no interior respondem a estas mesmas questões? Esta pesquisa se encaminha no sentido de buscar respostas para compreender como os moradores de uma cidade localizada no território de identidade do sisal representam o continente africano, e evidente que esta resposta será possível a partir de reflexões feitas sobre os livros didáticos adotados nas escolas da rede estadual de ensino da cidade de Santaluz.

Brasil e Alagoinhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Estado da Bahia, campus II - Alagoinhas, 2013.

⁴ **Atlântico Negro, na rota dos orixás.** Produzido e dirigido por Renato Barbieri, em 1998; “**Pierre Verger, Mensageiro entre dois mundos**”. 1999.

⁵ MOTTA, Roberto. Cor e raça: origens religiosas do debate – Roger Bastide e Talcott Parsons. *Afro-Ásia*, 38 (2008), p. 303-319; BORDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. Sobre as artimanhas da razão imperialista. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 24, nº 1, 2002, p. 15-33.

É necessário contribuir para que outros olhares e identidades existentes na Bahia sejam conhecidos, além de se inserir na perspectiva do entendimento de como o continente africano vem sendo representado nos livros didáticos, corroborando para que a lei 10639 não se constitua em letra morta, mas em algo efetivo, factível e propiciador de elementos suficientes para o conhecimento de uma história em sua dimensão universal.

Dentro desse contexto, destaca-se o papel da lei, não como uma “modalidade de inclusão”, mas como uma forma de reinventar uma determinada realidade dentro do ambiente escolar, através da prática dos sujeitos inseridos no processo, os quais possuem um objetivo e trilham um caminho de ensino-aprendizagem. Que os espaços escolares, sejam vistos como lugares de produção da cultura, bem como da construção de identidades individuais e coletivas, que possibilitam aos sujeitos que deles participam, novos mecanismos para lidarem com os problemas da realidade e idealizar soluções, baseadas na práxis cotidiana de ação-reflexão-ação.

A representação da África nos livros didáticos de história

Dentre as muitas questões colocadas, algumas certezas devem se fazer entendidas. Os povos do continente africano, com suas lutas e trajetórias, seus movimentos e protagonismos, ainda não fazem parte do universo contido nos livros didáticos de história. Ou seja, ainda há ideias e conceitos subjacentes a uma perspectiva identificada com representações baseadas em estereotípias, ora de que os africanos foram passivos quanto aos diferentes processos históricos vividos, ora de que estes povos se constituem em uma homogeneidade, sendo comuns os usos de conceitos utilizados como sinônimos, a exemplo de negro, afro brasileiro, afrodescendente ou africano. Mesmo não sendo objeto primordial desta pesquisa, faz-se necessário arguir sobre as seguintes questões: todo negro é, invariavelmente descendente de africanos? Aliás, as descendências podem ser entendidas numa perspectiva biológica, ou devem ser compreendidas enquanto constructos?

No que diz respeito a estas questões, sabe-se que diferentes respostas podem ser

elencadas, cada qual traduzindo marcas advindas do que Certeau denomina por “lugares de fala”.⁶ Entretanto, para além das questões colocadas, a pergunta central sobre as representações do continente africano e seus povos nos livros didáticos compulsados pelos estudantes da rede pública estadual de ensino em Santaluz deve ser entendida como elemento estruturante e fio condutor de uma narrativa que tentará contemplar outros aspectos em torno da África e dos modos, meios e formas em que esta se insere nos compêndios escolares.⁷

Mas, o que são os livros didáticos? Em alguns aspectos pode-se afirmar que sejam verdadeiras obras de “marginalidade”, mostrando a sua distância com relação aos problemas enfrentados pela sociedade e pelo povo brasileiro. Segundo Lins (1977), o “povo” recebe, através dos livros didáticos, informações que não condizem com suas realidades, deixando de conhecer as histórias e funções da ciência.⁸ Costa (2009) chama a atenção dos pesquisadores para que não se detenham aos fatores explícitos, ou seja, às ideias dos autores.⁹ É de fundamental importância o entendimento das questões implícitas, parte dos silêncios destes autores. Em sendo o livro didático um “espelho”, pode ser também uma “tela”, revelando-se de forma significativa para entender as representações e ideias dos autores. Conforme Perruci (1989), os livros didáticos trazem grandes confusões, notadamente quando associam os africanos à condição de escravos. Os negros brasileiros, em geral, são trazidos à tona sob formas negativas, e em alguns aspectos, destituídas do protagonismo e da condição de sujeitos.¹⁰

Para Delizocaiv, os livros didáticos:

(...) atingiram os cursos de formação, conseqüentemente os professores e sobretudo a produção de livros-texto comerciais. Estes sim atingiram a sala de aula e se constituem cada vez mais no instrumento básico de trabalho dos professores, sempre impregnados com traços daquelas tendências. De

⁶ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense / Universitária, 1982.

⁷ Uma importante pesquisa, orientada por um dos integrantes do egrégio colegiado da pós-graduação em Estudos Africanos do DEDC II, o Prof. Ivaldo Marciano, discorreu sobre questões semelhantes, tendo como recorte espacial a cidade de Jacobina, também localizada no interior baiano. Ver: SANTOS, Genilton Nunes dos. **Para desaprender o que não deve ser aprendido: Representações do continente africano no livro didático**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Estado da Bahia, campus IV - Jacobina, 2013.

⁸ LINS, Osmar. **Do ideal e da Glória: problemas inculturais brasileiros**. São Paulo: summus, 1977.

⁹ COSTA, Warley da. **Olhares sobre olhares: representações da escravidão negra nos livros didáticos**. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso: 09 de novembro. 2009. P-5.

¹⁰ PERRUCI, Gadiel. O negro no Brasil: história e Ensino. In: JUREMA, A.C.L.A (Org). seminário do livro Didático: discriminação em questão. Anais... Recife: Secretária de Educação, 1989.

alguma forma a contribuíram também para a falta de discussão, numa perspectiva mais crítica, não facilitando uma visão mais acabada do conhecimento científico e do trabalho dos cientistas.¹¹

Desse modo, é necessário ler as linhas e, sobretudo, as entrelinhas da estrutura do livro didático, numa tentativa mais apurada de se realizar a melhor leitura possível, neste caso específico, das representações do continente africano e dos seus povos no referido material de pesquisa. Estabelecendo um paralelo entre as representações dos africanos e dos negros brasileiros, esta pesquisa deverá também se subsidiar nas contribuições da História Cultural, uma vez que ela viabiliza a ampliação de metodologias:

A questão do negro no Brasil e, mais especificamente, como ela aparece nos livros didáticos é, sem dúvida, muito complexa e não se esgota na consideração do trabalho escravo ou na mera existência do preconceito de cor, embora seja quase certo que o preconceito tenha sido produzido pela escravidão, através de séculos de história.¹²

O ensino de história, numa perspectiva historiográfica, é marcado, entre outras questões, por leituras dotadas de representações estereotipadas, e em alguns casos preconceituosas, a exemplo dos negros e negras do Brasil. Um dos objetivos deste projeto, portanto, é o de identificar como as culturas dos povos do continente africano, bem como dos negros e negras do Brasil, vem sendo retratada nos livros didáticos de história do ensino médio da rede pública estadual de ensino.

A África sob o discurso da Lei

De acordo com Roger Chartier (1990, p. 17), as práticas sociais são produzidas por representações pelas quais os sujeitos e os grupos dão sentido ao seu mundo. Assim, as representações são resultados da leitura que os sujeitos fazem do mundo. O autor salienta que

¹¹ DELIZOICOV D. **Metodologia do ensino de ciências**. São Paulo: Cortez, 1992, p. 68.

¹² PERRUCI, Gadiel. O negro no Brasil: história e Ensino. In: JUREMA, A.C.L.A (Org). Seminário do livro Didático: discriminação em questão. Anais... Recife: Secretária de Educação, 1989.

na formação das representações sociais não existem discursos neutros, pois esses são produzidos para legitimar e impor as vontades, as percepções sociais daqueles que as divulgaram. De modo que a pretensão de analisar quais foram às representações sobre a África construídas pelo discurso da lei 10639.

E notável o a visão eurocêntrica na lei em questão, concretamente a situação não é simétrica. Isso ocorre em alguns pontos (incisos), entendendo-se que os negros e negras se constituem em descendentes naturais do continente africano; a história do continente africano e a história da “cultura afro-brasileira”; negro como sinônimo de África. Não se pode negar os aspectos positivos da lei, graças a promulgação da lei 10639/03 que foi implantado nas matrizes curriculares o ensino da História da África.

O “desconhecimento e o silêncio” sobre os países africanos não é algo sem interesses, e sim, que ajuda a abarcar o conjunto ideológico que construiu um estereótipo em relação a África e os africanos, desenvolvendo o “afro-pessimismo”¹³.

Segundo Serrano 2007, o afro-pessimismo é uma estratégia que consolidam as políticas que tem perpetuado a estagnação em vastas partes do continente. E no que tange a imagem reproduzida e que os meio de comunicação (TV, revistas, jornais, etc.) remete sobre a “África” são reportagens dantescas referente a fome, AIDS, guerras, “etnocídios”, atraso, calamidades naturais, doenças endêmicas etc.

Considerações

Tendo em vista que o presente artigo é parte de uma pesquisa em andamento, as observações aqui descritas não são conclusivas, e sim uma primeira análise da *A (s) ÁFRICA (s) E SUA (s) REPRESENTAÇÃO (ões) NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA*. É importante salientar a emergência de historicizar e contextualizar a história destes povos, negadas por muito tempo. Que de fato o livro didático tem a um papel fundamental na difusão desse conhecimento das “Áfricas” que possui diferentes povos, língua, sistema de educação,

¹³ SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. *Memória D’África. A temática africana em sala de aula*. São Paulo, Cortez, 2007, PP. 32-35; 281-283.

forma de governo e diversas riquezas. Essas e demais categorização estão relacionados á organização dos movimentos sociais que lutam para que esse continente seja discutido, difundido e ensinado de forma “adequada”. Entretanto, sabe-se que essa realidade faz parte de um trabalho árduo, que precisa ser “construído”.

O estudo do continente africano deve ser ampliado. Enfim, mais do que nunca, é preciso superar aquilo que foi imposto aos povos do continente africano, a começar pela ideia de que todos os povos podem ser resumidos sob o conceito de que são negros. É preciso compreender a África não como una, mas múltipla.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS CITADAS

- ARAÚJO, Edson Silva de. **Entre o macro e o micro: a lei 10.639/2003 entre o Brasil e Alagoinhas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Estado da Bahia, campus II - Alagoinhas, 2013.
- BORDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. Sobre as artimanhas da razão imperialista. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 24, nº 1, 2002, p. 15-33.
- CAMPOS, Paulo F. S. O Ensino, a História e a Lei 10.639. In: História e Ensino. Londrina: Editora UEL, 2004. Vol. 10.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense / Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. **À beira da Falésia. A História entre certezas e Inquietude**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COSTA, Warley da. **Olhares sobre olhares: representações da escravidão negra nos livros didáticos**. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso: 09 de novembro. 2009. P-5.
- DELIZOICOV D. **Metodologia do ensino de ciências**. São Paulo: Cortez, 1992.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- HALL, Stuart. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. Por uma história a partir dos conceitos: África, cultura negra e lei 10639/2003. Reflexões para desconstruir certezas. **A Cor das Letras**, n. 12, 2011, p. 125 – 152;
- LINS, Osmar. **Do ideal e da Glória: problemas inculturais brasileiros**. São Paulo: Summus, 1977.

MINAYO, Maria Cecília de souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa**. São Paulo: Hicitec-abrasco, 2000.

MOTTA, Roberto. Cor e raça: origens religiosas do debate – Roger Bastide e Talcott Parsons. **Afro-Ásia**, 38 (2008), p. 303-319.

OLIVA, Anderson de Oliveira. Tese de Doutorado. **Lições sobre a África: Diálogos entre as representações Ocidental e o ensino da história da África no mundo atlântico**, Programa de Pós-Graduação em História. UNB, 2007.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 25, n. 3, 2003, p. 421 – 461.

PERRUCCI, Gadiel. **O negro no Brasil: história e Ensino**. In: JUREMA, A.C.L.A (Org). seminário do livro Didático: discriminação em questão. Anais... Recife: Secretária de Educação, 1989.

SANTOS, Genilton Nunes dos. **Para desaprender o que não deve ser aprendido: Representações do continente africano no livro didático**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Estado da Bahia, campus IV - Jacobina, 2013.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. **Memória D'África. A temática africana em sala de aula**. São Paulo, Cortez, 2007

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.

REFERÊNCIAS SOBRE ENSINO DE HISTÓRIA E LIVRO DIDÁTICO:

ABREU, Martha. Cultura política, música popular e cultura afro-brasileira: algumas questões para a pesquisa e o ensino de História. In: SOIHET, Raquel; GOUVÊA, M.F. **Culturas Políticas: ensaios de História cultural, história política e ensino de História**. Rio de Janeiro: Mauad, FAPERJ, 2005, pp. 409 - 432.

ABREU, Martha; SOIHET, Raquel; GONTIJO, Rebeca (orgs). **Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ FAPERJ, 2007.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.

- CAIME, Flávia Eloísa. O livro didático: algumas questões. In: DIEHL, Astor Antônio (Org). **O livro didático e o currículo de história em transição**. Passo Fundo: EDINPF, 1999.
- CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, 2004, pp. 549-566.
- MUNAKATA, Kazumi. “Histórias que os livros didáticos contam, depois que acabou a ditadura no Brasil”. In M. C. Freitas (org.), **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2001, pp. 271-298.
- OLIVEIRA, Itamar Freitas. de Livro didático de História: definições, representações e prescrições de uso. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. **Livros didáticos de História: escolhas e utilizações**. Natal: EDUFRN, 2009, p. 11-19.
- SALLES, André Mendes. Ensino de História, um campo de pesquisa: reflexões sobre os livros didáticos. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, 2010, pp. 13-33.
- SILVA, Marcos. Desavir-se, reaver-se. História e Ensino de História: interfaces ou intrafaces? **Textos de História**, Brasília, vol. 15, no 1/2, 2007, p. 275 – 288.
- SOIHET, Raquel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Maria de Fátima Silva (orgs). **Culturas políticas – Ensaio de história cultural, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro: FAPERJ/ Mauad, 2005.
- VILLALTA, Luis Carlos. “O livro didático de história no Brasil: perspectivas de abordagem”. **Pós-História**, nº 9, 2001, pp. 39-59.

REFERÊNCIAS SOBRE HISTÓRIA DA ÁFRICA:

- ABREU, Martha; SOIHET, Raquel; GONTIJO, Rebeca (orgs). **Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ FAPERJ, 2007.
- APPIAH, kwame Anthony. **Na casa de meu pai. A África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- FRY, Peter. **A persistência da raça – ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula. Visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

- KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra**. Volume I. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1972.
- KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra**. Volume II. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2002.
- KI-ZERBO, Joseph. **Para quando a África?** Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- LOVEJOY, Paul E. Identidade e a miragem da etnicidade. A jornada de Mahhomah Gardo Baquaqua para as Américas. **Afro-Ásia**, nº 27, 2002.
- M'BOKOLO, Elikia. **África negra. História e civilizações - do século XIX aos nossos dias**. Lisboa: Edições Colibri, 2007, Tomo II.
- OLIVEIRA, Maria Inês Côrtes. Quem eram os negros da Guiné? A origem dos africanos na Bahia. **Afro-Ásia**, nº 19, 1997, pp. 37 – 73.
- OLIVER, Roland. **A experiência africana. Da pré-história aos dias atuais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. **Memória da África. A temática africana em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Alberto da Costa. **A enxada e a lança. A África antes dos portugueses**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- SILVA, Alberto da Costa. **A manilha e o libambo. A África e a escravidão, de 1500 a 1700**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- SOIHET, Raquel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Maria de Fátima Silva (orgs). **Culturas políticas – Ensaio de história cultural, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro: FAPERJ/ Mauad, 2005.
- THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico. 1400 – 1800**. São Paulo: Elsevier/ Campus, 2004.